

## PARASITAS E PARASITOSE NA LITERATURA BRASILEIRA PARASITES AND PARASITOSIS IN BRAZILIAN LITERATURE

Jorge C. Eiras<sup>1,2</sup>, Pedro Eiras<sup>3</sup>, Luís Cardoso<sup>4,5\*</sup>, Edson A. Adriano<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR/CIMAR), Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões, Matosinhos, Portugal; <sup>2</sup>Departamento de Biologia, Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, Porto, Portugal; <sup>3</sup>Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, e Instituto de Literatura Comparada – Margarida Losa, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal; <sup>4</sup>Departamento de Ciências Veterinárias, e Centro de Ciência Animal e Veterinária (CECAV), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real Portugal; <sup>5</sup>Laboratório Associado para a Ciência Animal e Veterinária (AL4AnimalS), Portugal; <sup>6</sup>Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Paulo, Diadema, SP, Brasil

\*Autor correspondente: Tel.: +351 259-350-455; e-mail: lcardoso@utad.pt

**Resumo:** Os autores apresentam um conjunto de citações referentes a parasitas e parasitoses humanas encontradas em várias obras da literatura brasileira. Os exemplos recolhidos demonstram a importância que os parasitas e as parasitoses frequentemente tiveram no desenvolvimento do país, e a forma como estes temas são tratados em autores de escolas e propósitos muito diferentes. O conjunto de factos referidos, quer no que respeita à diversidade parasitária, quer à época e locais em que ocorreram, são transversais a locais e temporalidade, comprovando que o tema continua atual, o que é perfeitamente compreensível tendo em conta a complexa interação entre parasitas e hospedeiros.

**Palavras-chave:** Infecção; Infestação; Literatura Brasileira; Parasitas; Parasitoses

**Abstract:** The authors present a set of quotations referring to parasites and human infection or infestation found in several books of Brazilian literature. The examples collected demonstrate the importance that parasites and parasitosis often had in the development of the country, and the way these questions are treated by authors from very different literary schools and purposes. The set of mentioned facts, both in terms of parasite diversity and the times and places in which they occurred, cut across places and time, proving that the subject is still topical, which is perfectly understandable given the complex interaction between parasites and hosts.

**Keywords:** Brazilian Literature; Infection; Infestation; Parasites; Parasitosis

### 1. INTRODUÇÃO

Leituras ocasionais dos autores, no âmbito da literatura brasileira, levaram à compilação de um conjunto de citações de interesse não só para os parasitologistas mas

também para todos os tipos de leitores. Não são citadas alusões metafóricas a parasitas ou parasitoses, e a grafia respeita escrupulosamente a original mesmo, quando desatualizada. Não se pretendeu

uma pesquisa exaustiva de toda a literatura: muitas outras citações seriam com certeza possíveis. Contudo, acredita-se que estes exemplos demonstram a influência que os parasitas e as parasitoses tiveram na História do Brasil, de forma mais acentuada em determinadas regiões e contextos, como fator condicionante na exploração do interior do país, e a sua emergência recorrente em autores de escolas e propósitos amplamente divergentes.

Na literatura brasileira são relativamente frequentes as menções a parasitas e parasitoses, muito em especial as que afectam o homem. Tais referências são mais abundantes nas obras cuja ação decorre na selva, ou em áreas rurais de regiões do interior, onde a interação entre o ser humano e o meio ambiente permite maior contacto com os parasitas e seus vectores. No entanto, mesmo na literatura que não tem estas características, não é raro encontrarem-se referências diversas ao assunto. As citações aqui referidas demonstram, por vezes, a importância dos parasitas e das parasitoses no desenvolvimento da sociedade brasileira, desde as viagens ultramarinas realizadas pelos colonizadores portugueses. As obras de Gomes (2008) e Markun (2009), por exemplo, relatam numa abordagem histórico-jornalística as condições de

viagens nas caravelas, onde piolhos e pulgas eram bastante comuns, e descrevem com profundidade as condições inóspitas encontradas pelos colonizadores aquando da chegada à nova terra, onde a condição de clima tropical lhes oferecia uma comitiva de boas vindas formadas por mosquitos e motucas vorazes na busca de sangue novo. Ainda na condição de literatura histórica, Ribeiro (1995) regista, em *O Povo Brasileiro, a Formação e o Sentido do Brasil*, o impacto de moléstias tropicais, principalmente a malária, que cobravam altos preços em vidas e em depauperação física à população que se envolvia na colonização da região amazónica.

A importância dos parasitas para a sociedade brasileira encontra-se em romances de diversos autores, como Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Jorge Amado, entre outros, que retrataram, cada um em seu tempo e contexto, o nível de desenvolvimento social e o efeito dos parasitas e das parasitoses no desenvolvimento da sociedade rural e urbana do país.

## 2. CITAÇÕES

“Tomei foi remédio para toda a qualidade de verme.” (Adélia Prado, *Solte os Cachorros*) (Prado, 2003).

“(...) se a doença de Chagas parasse de matar meu povo.” (Prado, 2003).

“(...) segurando a rédea do alazão, cagadinho de mosquito.” (Prado, 2003).

“Tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da peor espécie. É essa bicharia que te faz papudo, feio, molengo e inerte. Só tens um remédio, o verdadeiro específico do Amarellão: Ankilostomina.” (*Almanaque do Biotônico Fontoura*, 1935).

“Severo queixava-se de calafrios e sensação de febre, todavia a farmácia de Raposo tinha apenas uns cachés de quinino.” (Benévolo Nogueira, *A Borracha do Diabo*) (Nogueira, 1999).

“Bento deu-lhe um caché de quinino. Vomitou. Fez-lhe com a camisa uma compressa de água quente, cobriu-o com o lençol. Severo encolhera-se em si mesmo. Joelhos contra o peito, braços em volta dos joelhos, cabeça contra os joelhos. Vieram delírios. Engoliu outro caché, vomitou. A doença parecia compensar o tempo perdido em ameaças. Ao final da tarde a febre cedeu.” (Nogueira, 1999).

“Não quis almoçar. Ao que ele, por via das dúvidas, lhe deu um caché de quinino.” (Nogueira, 1999).

“Como os escravos doentes se tratavam? João da Mata respondeu. Garrafadas, sangrias, sanguessugas (...)” (Nogueira, 1999).

“Quem morreu? – Meu filho, respondeu o que enxugava os olhos. – Sezão?” (Nogueira, 1999).

“Uma semana depois, de novo o calafrio, dessa vez com febre e tremuras. Foi para o barracão, engoliu quinino, melhorou, pensou em voltar para o acampamento, a tremura voltou primeiro. Compreendeu estar também com aquele sinistro ritual da morte!” (Nogueira, 1999).

“Ajoelho-me diante do postigo, removo o mosquiteiro, (...)” (Chico Buarque, *Estorvo*) (Buarque, 2001).

“(...) falou de tufões na Polinésia e da malária contraída em Madagáscar.” (Chico Buarque, *Leite Derramado*) (Buarque, 2009).

“(...) suado, batendo o queixo, como que acometido por uma crise de malária.” (Buarque, 2009).

“Eu é que não, cruz-credo!, parece já remédio contra as bichas, Deus me livre e guarde.” (Clarice Lispector, *Onde Estivestes de Noite*) (Lispector, s/d).

“Pulga – Quando acontece na hora vermelha...labora sementeira de pústulas, até saciar a fome.” (Cláudio Daniel, *Escrito em Osso*) (Daniel, 2008).

“A todas essas penas se soma, ainda, a incidência de enfermidades carenciais, como o beribéri, que alcançou caráter epidêmico em toda a Amazônia, e das chamadas moléstias tropicais, principalmente a malária, que cobram alto preço em vidas e em depauperação física à população engajada nos seringais (Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*) (Ribeiro, 1995).

“(…) espremam a rápida terra povoado de mosquitos temerários (...)” (Dora Ribeiro, *O Poeta não Existe*) (Ribeiro, 2005).

“Vocês devem mas é aprender as quatro operações, a curar bicheira e a dar banho de carrapaticida.” (Erico Veríssimo, *Clarissa*) (Veríssimo, s/d-a).

“Eram uns diabos piolhentos e sujos” (... ) (Erico Veríssimo, *Um Certo Capitão Rodrigo*) (Veríssimo, s/d-b).

“Só tive um bicho-de-pé arruinado.” (Veríssimo, s/d-b).

“Sentiu que ela tremia toda, como se estivesse com sezões (...) (Veríssimo, s/d-b).

“Rita notou que a pálpebra do olho direito começava a tremer. Lembrou-se de que vira muitas vezes cavalos fazerem aquilo com a pele das ancas, para espantar as mutucas.” (Erico Veríssimo, *O Resto é Silêncio*) (Veríssimo, s/d-c).

“(…) sangue de rês carneada, cheiro de carrapaticida (...)” (Veríssimo, s/d-c).

“Antes que os mosquitos me devorem, nesse crepúsculo à beira do Rio Maracujá (...)” (Fernando Gabeira, *Entradas e Bandeiras*) (Gabeira, 1981).

“(…) e os mosquitos acabam de me dar uma trégua.” (Gabeira, 1981).

“Excetuada a febre amarela por ocasião da sua primeira invasão, a qual se verificou em Pernambuco em 1686, não consta que alguma outra calamidade de peste haja sido

mais fatal àqueles povos do que a sobredita calamidade.” (Franklin Távora, *O Cabeleira*) (Távora, 1981).

“Estamos pois em 1776. É o momento em que o fogo da peste mais abrasara a província.” (Távora, 1981).

“À guerra seguiu-se a peste, e à peste a fome como vimos.” (Távora, 1981).

“A terrível epidemia tinha desolado povoações inteiras.” (Távora, 1981).

“viveiros de larvas, multidões de insectos e vermes nocivos ao homem.” (Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*) (Freyre, 1933).

“É que sobre eles principalmente têm agido ... a anemia palúdica, as verminoses...” (Freyre, 1933).

“Era como se fossemos gado e nos empurrassem para dentro de um banheiro carrapaticida.” (Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*) (Ramos, 1970).

“As comichões seriam picadas de pulgas?” (Ramos, 1970).

“(…) davam-me a sensação de ser agredido por multidões de pulgas.” (Ramos, 1970).

“E outra vez bichos miúdos vieram picar-me. Ergui-me, olhei os panos, descobri uma quantidade razoável de percevejos.” (Ramos, 1970).

“(…) findas algumas lavagens de cuecas e matanças de percevejos (...)” (Ramos, 1970).

“(…) forravamos a cama com jornais guardados para as tochas com que se queimavam percevejos.” (Ramos, 1970).

“Aceitei o convite, levei para a nova morada a cama, os percevejos e os trastes.” (Ramos, 1970).

“Nas matanças de percevejos não descansava.” (Ramos, 1970).

“Homens de calças arregaçadas exibiam as pernas cobertas de algodão negro, purulento. As mucuranas haviam causado esses destroços, e em vão queriam dar cabo delas. Na imensa porcaria, os infames piolhos entravam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga.” (Ramos, 1970).

“(…) chagas negras medonhas produzidas pela mucurana (…)” (Ramos, 1970).

“(…) as mucuranas e os mosquitos perseguiram-me (…)” (Ramos, 1970).

“Tinham conseguido armar na cama vizinha um difícil mosquiteito.” (Ramos, 1970).

“O chão molhado, a esteira, pulgas, percevejos (…)” (Ramos, 1970).

“Se a bóia nojenta, os piolhos, os mosquitos decidissem matá-lo (…)” (Ramos, 1970).

“Durante o dia roncava, branco e nú, mordido pelos percevejos.” (Ramos, 1970).

“Vou catar seus piolhos, anunciou, e riram os dois.” (Jorge Amado, *Teresa Batista Cansada da Guerra*) (Amado, 1990).

“(…) a malária (…), a doença de Chagas, a febre amarela, (…), a velha bubónica ainda na brecha (…)” (Amado, 1990).

“Se não fossem (…), a malária, a doença de Chagas, a xistossomose (…)” (Amado, 1990).

“Os festejos destinavam-se exactamente a aplaudir e demonstrar a gratidão geral pela anunciada erradicação da malária, (…), e de pestes menores (…)” (Amado, 1990).

“(…) basta reparar a bunda, a elegância e o dengue.” (Amado, 1990).

“A perfumosa loção «Flor de magnólia» cura caspa, mata lêndeas e piolhos (…)” (Amado, 1990).

“(…) na época endémico na região, como o paludismo e a bexiga (…)” (Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela*) (Amado, 2008).

“Mariazinha, os pés descalços, a pentear uns cabelos compridos, a matar piolhos.” (Amado, 2008).

“Exibia um vidro contendo um remédio milagroso (…) – cura paludismo, (…) tudo o que é doença feia.” (Amado, 2008).

“(…) outros morriam ao entrar na região das chuvas, onde o rifo, o impaludismo, a bexiga, os esperavam.” (Amado, 2008).

“Mais depressa, sinhá dona, devagar se cata é piolho.” (Amado, 2008).

“Ali habitavam o impaludismo, (...)” (Jorge Amado, *Os Subterrâneos da Liberdade. I. Os Ásperos Tempos*) (Amado, 1980).

“Contavam da malária e das febres mortais, dos mosquitos transmissores das mais incuráveis doenças.” (Amado, 1980).

“(...) alguns com famílias enormes, amarelos de impaludismo (...)” (Amado, 1980).

“(...) e pensava-se perdido naquele labirinto de verde, o corpo inchado de picadas de mosquitos, as mãos rasgadas (...)” (Amado, 1980).

“Nuvens de mosquitos voavam em torno deles, Gonçalo não os parecia sentir sequer.” (Amado, 1980).

“(...) esses caboclos verdes de impaludismo, vestidos de trapos, tremendo de febre (...)” (Amado, 1980).

“Mandara espancar Honório, um negro já quase morto de impaludismo (...)” (Jorge Amado, *Os Subterrâneos da Liberdade. II. Agonia da Noite*) (Amado, 1983).

“, (...) acampada às margens do rio, numa clareira da floresta, cercada de mosquitos (...)” (Amado, 1983).

“(...) aquela terra conquistada à floresta, cultivada em meio à febre, aos mosquitos (...)” (Amado, 1983).

“(...) tenho que andar por Mato Grosso, no meio de mosquitos e de caboclos armados (...)” (Amado, 1983).

“Estavam inchados de mordidas de mosquitos, um dos policiais tremia de febre na canoa e pedia para voltar, pelo amor de Deus!” (Jorge Amado, *Os Subterrâneos da Liberdade. III. A Luz no Túnel*) (Amado, 1984).

“Mas, naquela floresta, entre serpentes, mosquitos e onças cujo rugido à noite dava calafrios, (...)” (Amado, 1984).

“(...) e o árabe deu quinino ao investigador doente e cachaça para todos.” (Amado, 1984).

“No armazém havia quinino em quantidade (...)” (Amado, 1984).

“Enfermos de todas as enfermidades, da lepra ao câncer, da bubónica ao beribéri, da doença de Chagas à doença de São Guildo

(...)” (Jorge Amado, *Dona Flor e seus Dois Maridos*) (Amado, s/d-a).

“(...) enfrentando riscos, as serpentes, as febres (...)” (Jorge Amado, *Tocaia Grande*) (Amado, 1981).

“(...) limpando-se do suor, do fedor dos percevejos (...)” (Amado, 1981).

“(...) estendido sobre o magro colchão de capim seco, coberta de chitão, fedor de percevejos (...)” (Amado, 1981).

“(...) aquele despropósito de mulher, sobre o colchão de capim e percevejos (...)” (Amado, 1981).

“Negra piolhenta!” (Amado, 1981).

“Examinava-os fio por fio, em busca de lêndeas.” (Amado, 1981).

“Ela pensa que basta catar piolho (...)” (Amado, 1981).

“(...) não ia deixá-la vazia, entregue às cobras e aos percevejos.” (Amado, 1981).

(...) ouvia o gramofone enquanto catava lêndeas em Zilda.” (Amado, 1981).

“Outras febres tinham nome: a terçã, a palustre, a aftosa que ataca gente e gado, a febre amarela e a febre do caroço, cada qual a mais perigosa.” (Amado, 1981).

“(...) Pedro Cigano voltou no mesmo pé-de-vento, carregado de quinino e de outras drogas da farmácia (...). Não somente voltou, ali permaneceu distribuindo doses preventivas de quinino aos moradores (...)” (Amado, 1981).

“(...) as vacas sagradas ocupavam a via pública, os mosquitos também sagrados alimentavam-se de nosso sangue ateu (...)” (Jorge Amado, *Navegação de Cabotagem*) (Amado, s/d-b).

“(...) de lembrança levei comigo carga completa de bicho de pé, eu andava descalço no mangue, no pasto e no curral.” (Amado, s/d-b).

“Agnaldo morreu menino aos vinte e nove anos, vítima de doença de Chagas (...)” (Amado, s/d-b).

“Vejo Agnaldo nos dias finais, tomado pelo mal de Chagas (...)” (Amado, s/d-b).

“Eu era Piolho por ser vermelhinho e por ter sido campeão em 1923 da praga de



piolhos, sempre a primeira das infalíveis epidemias anuais” (Amado, s/d-b).

“(…) o cheiro do mofo e a nuvem de mosquitos. Mosquito é o que existe de sobra no Rio Vermelho, até nos orgulhávamos, arrotávamos, recorde mundial, mas diante da mosquitaria das ilhas San Blas perdemos empáfia, reconhecemos nossa modéstia. Nem na Amazónia, quando por lá andei tirando cadeia, admirei exército de mosquitos assim numerosos e aguerridos.” (Amado, s/d-b).

“(…) a chegada de pequeno avião em busca de soldado enfermo, queimando de febre, no delírio da maleita, transmitida pelos mosquitos. Brasileiros, eu e Zélia, estávamos a salvo, ela por paulista empaludada desde a infância, eu por grapiúna imune às epidemias.” (Amado, s/d-b).

“(…) nada de grave, nem febre amarela, nem cólera, nem varíola (…)” (Amado, s/d-b).

“(…) outros completamente nus tinham o corpo untado de óleo por causa dos insectos”. (José Alencar, *O Guarani*) (Alencar, 2008).

“Onças, sucuris, mosquitos, bandos de animais selvagens (…)” (José Hamilton Ribeiro, *Pantanal, Amor Baguá*) (Ribeiro, 1980).

“E uma casinha, cercada e coberta de tela. Essa tato não descobriu para que servia.” (Ribeiro, 1980).

“A tela é para não entrar mosquito.” (Ribeiro, 1980).

“Noutra casa o povo todo estava caído de sezão. Tinham voltado da várzea de Goiana amarelos e inchados de paludismo. – Mande o menino buscar quinino no engenho.” (José Lins do Rego, *Menino de Engenho*) (Rego, 1971).

“(…) muitos deles, amarelos, inchados, coitadinhos, das lombrigas que lhes comiam as tripas. As mães davam-lhes jacaratiá, e eles passavam dias e horas obrando ralo como passarinho.” (Rego, 1971).

“O velho José Paulino tratava de tudo, fazia sinapismos de mostarda, dava banhos quentes, óleo de rícino, jacaratiá para vermes.” (Rego, 1971).

“As brancas deitadas, dando as cabeças para os cafunés e a cata dos piolhos.” (Rego, 1971).

“Os mosquitos gemiam no seu ouvido.”  
(José Lins do Rego, *Fogo Morto*) (Rego, s/d).

“Nicolau fora vendido, dois haviam morrido de febres.” (Rego, s/d).

“Amélia acendeu o candeeiro da sala de jantar e mosquitos rodearam a luz em enxames.” (Rego, s/d).

“(…) chamava pela escrava que a criara.  
– Ó Dorotéa, ó Dorotéa, vem-me catar, Dorotéa.” (Rego, s/d).

“Ao sol forte, mosquiteiros sujos, enegrecidos secavam de dia o orvalho da noite.” (José Mauro de Vasconcelos, *Arara Vermelha*) (Vasconcelos, 1969a).

“E a roupa imunda se tornando cada vez mais imunda porque os corpos se defendiam, quando nus, dos mosquito e muriçocas, com óleo de babaçu e urucu (…)” (Vasconcelos, 1969a).

“(…) não obstante o desconforto e a praga de mosquitos (…)” (Vasconcelos, 1969a).

“Uma vez estive por esses lados no tempo das águas e só falei enlouquecer

com tanto mosquito e tanta chuva.”  
(Vasconcelos, 1969a).

(…) senão fique apodrecendo nesse calor, nessa chuva, nesse inferno de mosquitos”. (Vasconcelos, 1969a).

“Esse negócio de no fim dar um mosquiteiro (…)” (Vasconcelos, 1969a).

“Abriu a braguilha e ia a urinar sobre as águas, quando se recordou que podia haver candiru por ali. Aquele peixinho terrível que sobe pela urina e penetra na bexiga, provocando a morte pela dor e desespero.”  
(Vasconcelos, 1969a).

“(…) que secavam ao sol juntamente com mosquiteiros encardidos.”  
(Vasconcelos, 1969a).

“Esse vento só tem uma vantagem: espanta os mosquitos.” (Vasconcelos, 1969a).

“Prefiro que tenha mosquito em vez de índio.” (Vasconcelos, 1969a).

“Sentiu saudade de tudo. Até da chuva que trazia a febre e o mosquito.”  
(Vasconcelos, 1969a).

“O Geral vai trazer o frio e o frio vai matá a praga da muriçoca (...)” (Vasconcelos, 1969a).

“Indiferente aos mosquitos da noite ele caminhava observando sempre com mais atenção.” (Vasconcelos, 1969a).

“O sol desaparecera de todo e os mosquitos e as muriçocas zuniam em volta deles.” (Vasconcelos, 1969a).

“As muriçocas enxameavam.” (Vasconcelos, 1969a).

“Se a gente pudesse fazia uma fogueira e botava capim verde para espantar os mosquitos.” (Vasconcelos, 1969a).

“O mosquito aumentou.” (Vasconcelos, 1969a).

“Só de vez em quando sua mão se erguia para afastar uma muriçoca que teimava em zunir próximo do ouvido...” (Vasconcelos, 1969a).

“Kanaú fez uma pausa. Sentia o corpo picado de mosquitos (...)” (Vasconcelos, 1969a).

“Ainda por cima ofereciam roupa, mosquiteiros (...)” (Vasconcelos, 1969a).

“Tem um pouco de mosquito mas a canoa fica bem escondida.” (Vasconcelos, 1969a).

“Não fosse o vento, aqui teria muito mosquito.” (Vasconcelos, 1969a).

“Os mosquitos eram mais abundantes no serão, invadiam a embarcação e avançavam sobre qualquer parte descoberta. O zunido sobre o rosto era mais cruciante do que a picada.” (Vasconcelos, 1969a).

“Os mosquitos zuniam à volta do pescoço e físgavam as costas e os braços. Os carapanãs e a muriçoca enxameavam atraídos pelo cheiro dos corpos.” (Vasconcelos, 1969a).

“Caminhava mais devagar e desalentada. Quase não se importava em afastar os mosquitos.” (Vasconcelos, 1969a).

“Que pena. Aqui quase não tem mosquito.” (Vasconcelos, 1969a).

“Os borrachudos de dia não perdoavam. Os bizôgos tão comuns em matas do Pará, ferroavam-lhe os membros. Os tatuquiras vinham em nuvem penetrar nos olhos. E ele

se defendia abrindo e fechando os olhos. Era o inferno.” (Vasconcelos, 1969a).

“Como vê teve um acesso muito forte de malária. Vim aqui e apliquei uma injeção de Paludan. Dei dois comprimidos para a sua dor de cabeça (...)” (José Mauro de Vasconcelos, *O Garanhão das Praias*) (Vasconcelos, 1979).

“Continuou mexendo com os pés e enxotando com uma das mãos os mosquitos que ameaçavam seus olhos.” (Vasconcelos, 1979).

“(...) quando as praias eram mais secas e tinham menos mosquitos.” (Vasconcelos, 1979).

“As noites são cheias de muriçocas. A gente precisa usar mosquiteiros. É época de febre. Aí então chega o tempo de partir.” (Vasconcelos, 1979).

“Dóttie recostou-se no tronco rugoso da mangueira, enxotado dos olhos o mosquitinho tatuquira que incomodava sempre.” (Vasconcelos, 1979).

“O acúmulo de piolhos e de outros vermes (...)” (Vasconcelos, 1979).

“Um friozinho gostoso espantava para longe as muriçocas.” (Vasconcelos, 1979).

“A chuva vindo traria sua cota de desconforto: marés de muriçocas de noite, ondas de mosquitinhos que sumiam se por acaso um vento amigo aparecesse. As noites quentes ficariam mais duras de aguentar debaixo dos mosquiteiros pesados. Não sendo de filó o ar não penetrava para aliviar.” (Vasconcelos, 1979).

“À mercê de febres, onças e picadas de cobras venenosas.” (Vasconcelos, 1979).

“Tinha pelo menos o consolo de uma noite enxuta numa rede macia, sem ruído de muriçoca (...)” (Vasconcelos, 1979).

“Possivelmente também eles iriam passar uma noite bem dormida, com menos mosquito que no abandono da selva.” (Vasconcelos, 1979).

“Em dois meses ou mais de chuva era o primeiro sinal das grandes febres. Mas as febres não eram assim tão perigosas. Com um tratamento contínuo de quinino elas iriam embora. Certamente nos paludes, com as pernas enfiadas nas águas estagnadas e podres fora picado pelo mosquito da malária. Sempre acontecia assim. Eles trabalhavam completamente nus, sob a

dureza da chuva e as picadas dos mosquitos. As costas viravam lixas. À noite os pobres ficavam coçando as costas contra as fibras das esteiras. No dia seguinte recomeçavam a mesma luta. Com o correr dos tempos a toxina das mordidas pouco efeito fazia contra a dureza da pele lixada.” (Vasconcelos, 1979).

“Então não adiantaria fazer mais nada, era besteira sair para aplicar a injeção de quinino. Pelo visto a febre não era só malária. Precisava economizar quinino para as próximas febres que iriam aparecer (...)” (Vasconcelos, 1979).

“Está acontecendo uma coisa que não sei explicar. Começou uma febre estranha a invadir a aldeia. Vem uma febre fortíssima, a ponto do delírio. Depois as partes inferiores, principalmente as nádegas se cobrem de pipocas endurecidas. A boca e os olhos se arroxéiam e eles começam a morrer. – Será malária? – Deve ser uma febre... Não sei mesmo. Se quiser o senhor olhe lá.” (Vasconcelos, 1979).

“A febre está pegando nas crianças também.” (Vasconcelos, 1979).

“Começou o êxodo das canoas. Quem ainda não fora atacado pela doença, aprontava a canoa e com os filhos e animais,

largava-se rio abaixo, prometendo voltar quando acabasse o perigo das febres.” (Vasconcelos, 1979).

“Um tremor doentio, cruel, como se em segundos ele tivesse apanhado toda a malária do rio.” (Vasconcelos, 1979).

“Mesmo assim precisava molhar os cabelos de vez em quando para enxotar os mosquitos.” (Vasconcelos, 1979).

“Um vento gostoso vindo do rio, enxotara os mosquitos (...)” (Vasconcelos, 1979).

“O calor continuava. Estranho era não ter sentido uma só muriçoca. Na boquinha da noite era comum elas aparecerem, desde que não houvesse vento.” (Vasconcelos, 1979).

“Cutucô todo mundo de injeção. Deu que deu munto remédio. Minino! inté veio mesmu botô bicha (...)” (José Mauro de Vasconcelos, *Rosinha, Minha Canoa*) (Vasconcelos, 1962).

“Precisava procurar uma praia bem seca, na boca do vento da noite, para que este tocasse alguma muriçoca que ainda estivesse viva.” (Vasconcelos, 1962).

“Vinham a chuva, a febre e o mosquito.” (Vasconcelos, 1962).

“Pouco mais, à beira noite, enquanto não aparecesse a friagem, as muriçocas invadiriam em bando, zunindo e picando, doendo pra Deus... Foi dito e feito.” (Vasconcelos, 1962).

“Focos de mosquitos formavam-se onde houvesse água empoçada.” (Vasconcelos, 1962).

“Estava sem camisa e nem ligava para os mosquitos que faziam lixa do seu torso.” (Vasconcelos, 1962).

“(…) já começava o tempo do carrapato e do micuim.” (Vasconcelos, 1962).

“O vento levava os mosquitos para longe.” (Vasconcelos, 1962).

“Daí em diante nunca matei bicho nenhum, doutor. – Nem mosquito? – Eles não incomodam muito.” (Vasconcelos, 1962).

“(…) que sorria quando estava no paio ao ver os homens coçando-se das incômodas picadas dos percevejos.” (Vasconcelos, 1962).

“Não é possível que você não sinta de noite as mordidas dos percevejos. – Sentir, sinto. Mas como acho percevejo uma coisa nojenta, imagino que tudo é pulga. Assim posso dormir.” (Vasconcelos, 1962).

“A escuridão já era completa e a praia não apresentava mais as muriçocas da boca da noite.” (Vasconcelos, 1962).

“Conseguiram uma agüinha corrente sem miguelinho e sem mosquito por causa do muito vento.” (Vasconcelos, 1962).

“Mosquitos e moscas zuniam por todo o interior.” (Vasconcelos, 1962).

“(…) fazia calor e um mosquitinho-pólvora impertinente vinha picar-lhe a pele clara dos braços. (...). Abanou a mão tocando os mosquitos.” (Vasconcelos, 1962).

“(…) muitos dormiam com os pés para fora, ao relento, ao sabor das picadas das muriçocas (...).” (José Mauro de Vasconcelos, *Arraia de Fogo*) (Vasconcelos, 1969b).

“Espantou os mosquitos do rosto e suspendeu o machado.” (Vasconcelos, 1969b).

“E os piuns pousavam sobre braços e rosto picando miúda e doridamente.” (Vasconcelos, 1969b).

“Era preciso tomar coragem e entrar n’água depressa...os mosquitos piuns ajudavam na decisão.” (Vasconcelos, 1969b).

“Só o fato de construírem aquêlê rancho carregando madeira da mata cheia de pium” (Vasconcelos, 1969b).

“A noite já estava escura e o frio chegava aos poucos. As muriçocas da boca da noite também fugiam para a mata com medo do frio.” (Vasconcelos, 1969b).

“Ao mesmo tempo o carapanã aproximava-se das partes dos braços e do rosto que se achavam desprotegidas, para aferroar doridamente. Era preciso que as mãos não deixassem um momento de espantar o mosquito.” (Vasconcelos, 1969b).

“Caiá girou em volta do negro que descansava o machado. Suas costas tinham perdido o luzidio próprio da cor, para apresentar um amontoado miúdo de milhares de picadas. Ele riu-se. - No comêço a gente sente. Depois, os pium,

vendo que a gente não liga, abre unha (...)” (Vasconcelos, 1969b).

“O banho o aliviaria um pouco, se bem que de noite o corpo empolado das mordidas ficasse coçando contra o algodão da rede.” (Vasconcelos, 1969b).

“Canoá chegou-se junto a ele e observou que “titio” tirava carrapatos; imediatamente ajoelhou-se e começou a catá-los. Duas mocinhas trumaís aproximaram-se e tiraram a camisa de Caiá para também participarem na tarefa.” (Vasconcelos, 1969b).

“Sentia os dedos suaves descendo pelas suas costas, penetrando sob as axilas, pelo peito...até mesmo pelo cóis das calças, o lugar mais procurado pelos carrapatos. (...) Caiá estava certo de que quem prestara o favor fora ele, porque as indiazinhas catavam o carrapato em seu corpo e o levavam imediatamente à bôca. E no momento o petisco estava acabado... No rio, Canoá ajudou-o ainda a descobrir mais carrapatos que se escondiam pelo resto do corpo.” (Vasconcelos, 1969b).

“O carapanã da mata zumbia ao ouvido e picava-os sem dó nem piedade. Era o coração da selva que os homens estavam

invadindo, e eram por ele rechaçados (...)” (Vasconcelos, 1969b).

“Descobriu que os carrapatos da mata transitavam sobre o azul desbotado da calça; à noite teria muito trabalho em catálogos, além de sofrer a coceira irritante que eles iriam produzir.” (Vasconcelos, 1969b).

“O corpo coçava-lhe muito por causa das picadas, não só dos mosquitos como dos carrapatos. O frio anulava um pouco aquela coceira incômoda.” (Vasconcelos, 1969b).

“Seis meses de chuva, seis meses de sol. Na chuva, mosquito e febres.” (Vasconcelos, 1969b).

“Amanhã seria pior. O corpo estaria comido da coceira dos carrapatos. O mato, em geral nos capinzais, estava cheio de carrapatinho-pólvora, quase impercebível, mas de efeitos desastrosos.” (Vasconcelos, 1969b).

“(…) comendo às pressas debaixo da chuva, com os mosquitos penetrando na boca, juntamente com a comida e com a chuva, dormindo a noite inteira na umidade e ouvindo o bárbaro zunir das muriçocas, dando impressão de que a própria chuva zunia...” (Vasconcelos, 1969b).

“(…) com as costas picadas de pium (...)” (Vasconcelos, 1969b).

“O vigor, a força, latejavam naquele recanto da selva; desde o zumbido dos mosquitos à marcha silenciosa das formigas negras” (Vasconcelos, 1969b).

“Pouco lhe importavam os mosquitos, as tauranas-de-fogo, os carrapatos e as formigas bravas.” (Vasconcelos, 1969b).

“Caminhava pelo trilho dos índios, ampliado pelas rodas do jipe. Assim seria menos atingido pelos carrapatos. Qualquer pequena distração e um roçar em alguma planta à beira do caminho e enchia-se de pontos marrons e móveis o azul desbotado da calça mescla.” (Vasconcelos, 1969b).

“Limpou o suor do rosto e a chusma de piuns que lhe picavam os braços e o rosto. Abanando-se, enquanto caminhava, conseguia afastá-los.” (Vasconcelos, 1969b).

“Jogue isso longe para não juntar mosquito.” (Vasconcelos, 1969b).

“Um vento refrescante ondulava as pontas das palhas do rancho. Os mosquitos desapareciam com ele.” (Vasconcelos, 1969b).



“Talvez preferisse catar algum carrapato arranjado na caminhada e que não morrera com o banho (...)” (Vasconcelos, 1969b).

“Então, o corpo aprumou-se mais e ela arregaçou a bainha da calça, procurando carrapato.” (Vasconcelos, 1969b).

“Os mosquitos borrachudos, os piuns, vieram logo incomodá-los.” (Vasconcelos, 1969b).

“Os mosquitos aumentaram. A pele, alva e suada, servia-lhes de atrativo. – Esperem, “seus” danados!...Eu curo logo vocês!...” (Vasconcelos, 1969b).

“Saiu d’água e os mosquitos retornaram. Apanhou o sabonete e mergulhou. Precisava ensaboar-se dentro do rio. Senão, seria devorado pelos piuns.” (Vasconcelos, 1969b).

“Padre Domingos sorriu, dizendo ingenuamente: - O vento é Deus, mosquitinhos. Se êle aumentar, que bom! Vocês me deixarão em paz (...)” (Vasconcelos, 1969b).

“Os mosquitos desapareceram como por encanto.” (Vasconcelos, 1969b).

“Muriçocas chegadas com a boca da noite mordiam-lhe os tornozelos, a barriga das pernas e os pés. Mas não ligava. Com o aumento do frio elas procurariam a mata.” (Vasconcelos, 1969b).

“Esbarrava nas grandes folhagens e pontos escuros se locomoviam em sua calça rasgada: eram os carrapatos.” (Vasconcelos, 1969b).

“Parava para respirar e um enxame de muriçocas avançava-lhe sobre o rosto.” (Vasconcelos, 1969b).

“Os mosquitos piuns penetravam pela roupa entre-aberta de rasgões e picavam-no sem piedade.” (Vasconcelos, 1969b).

“No momento era preciso somente espantar os mosquitos (...)” (Vasconcelos, 1969b).

“O rosto ardia como fogo, devido às picadas dos mosquitos.” (Vasconcelos, 1969b).

“Na cidade conheceu a fome, a peste, (...)” (José Roberto Torero & Marcus Aurelius Pimenta, *Terra Papagalli*) (Torero e Pimenta, 2000).

“(…) e dava ao demo aquela terra cheia de mosquitos e ignorantes.” (Torero e Pimenta, 2000).

“(…) e Terebê, vendo minha tristeza, catou-me piolhos para me deixar alegre.” (Torero e Pimenta, 2000).

“O calor é o inferno, esta unidade lembra os pântanos pestíferos, os mosquitos são mais que as estrelas. Isto não é vida.” (Torero e Pimenta, 2000).

“(…) por um longuíssimo quarto de hora ficamos todos a falar do calor, dos mosquitos (…)” (Torero e Pimenta, 2000).

“Temo que esteja sofrendo de febre amarela.” (Jô Soares, *O Xangô de Baker Street*) (Soares, 1997).

“Céus! É malária. Depressa, Holmes, ajude-me com este quinino – E, antes que alguém pudesse impedi-lo, deitou goela abaixo do infeliz todo o vidro do remédio. – Por isso é que, nos trópicos, nunca me afasto da minha sacola – completou, orgulhoso, o doutor.” (Soares, 1997).

“Seus olhos se iluminam ao falar de mosquitos, pulgas e percevejos.” (Jô Soares, *O Homem que Matou Getúlio Vargas*) (Soares, 1998).

“(…) Jarret estava sofrendo de febre amarela.” (Soares, 1998).

“Na carta o príncipe conta que a mulher, Carlota Joaquina (…) tivera de cortar os cabelos devido a uma infestação de piolhos. «A infanta (Carlota Joaquina) vai melhorando, mas ainda tem muita comichão na cabeça», escreveu D. João. Tu bem sabes que moléstia de pele custa muito a largar a gente. Eu não te posso explicar os piolhos que tem.” (Laurentino Gomes, 1808) (Gomes, 2008).

“(…) e a peste bubônica perseguia os emigrados nos camarotes superpovoados e anti-higiênicos (…)” (Gomes, 2008).

“O excesso de passageiros e a falta de higiene e saneamento provocaram a proliferação de pragas. No *Afonso de Albuquerque*, em que viajava a princesa Carlota Joaquina, uma infestação de piolhos obrigou as mulheres a raspar os cabelos e a lançar suas perucas ao mar. As cabeças carecas foram untadas com banha de porco e pulverizadas com pó anti-séptico.” (Gomes, 2008).

“Segundo a observação de quase dois anos que conto de residência no Rio de Janeiro, tenho por moléstias endêmicas desta cidade, sarna (…), elefantíase, bicho

dos pés, (...), lombrigas (...)" (Gomes, 2008).

"A pele, que de tão frágil parece ser incapaz de manter os ossos juntos, é coberta por uma doença repulsiva, que os portugueses chamam de sarna." (Gomes, 2008).

"(...) o hábito de observar o arquivista enquanto dorme para evitar que os mosquitos o ataquem." (Gomes, 2008).

"De vez em quando, publicava um folheto: O Cobreiro, Etiologia, Profilaxia e Tratamento ou Contribuição para o Estudo da Sarna no Brasil (...)" (Gomes, 2008).

"O outro objetou-lhe que por aqui só havia febres e mosquitos (...)" (Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*) (Barreto, 2004).

"(...) há mosquitos, gás comprado e (...)." (Luis Maffei, *Telefunken*) (Maffei, 2009).

"Então eu coçava o queixo, como o doutor, e acabava mandando aplicar-lhe umas sanguessugas ou dar-lhe um vomitório (...)" (Machado de Assis, *Dom Casmurro*) (Assis, 2000).

"(...) e dizem haver descoberto um específico contra a febre amarela." (Assis, 2000).

"(...) viu crescerem-lhe os lucros pela aplicação assídua de sanguessugas (...)" (Machado de Assis, *O Alienista e Alguns Contos*) (Assis, 2008).

"(...) – um remédio para sezões" (Assis, 2008).

"(...) acrescentarei que foi por ocasião da primeira entrada da febre amarela." (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) (Assis, 2007).

"(...) não zune nem morde como o mosquito, não nos leva o sangue e o sono como a pulga. Todos esses bichos são o modelo acabado da vadiação e do parasitismo." (Machado de Assis, *Papéis Avulsos*) (Assis, 2011).

"Que pode valer a loja de um barbeiro que eu via por esse tempo, com sanguessugas à porta, dentro de um grosso frasco de vidro com água e não sei que massa? Há muito que não se deitam bichas a doentes. Era negócio dos barbeiros e dos farmacêuticos, creio" (Machado de Assis, *Memorial de Aires*) (Assis, s/d).

“O careca esbofeteia a canela. E também entra, para pegar o repelente.” (Marçal Aquino, *Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios*) (Aquino, 2005).

“Enquanto borrifa repelente nas pernas, o careca diz que o motivo do sumiço é outro.” (Aquino, 2005).

“Depois do almoço, coçando pulgas num canto da cela (...).” (Aquino, 2005).

“(...) o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem.” (Mário de Andrade, *Macunaíma*) (Andrade, 2004).

“Jiguê enquizlou e depois de catar os carrapatos deu nela muito.” (Andrade, 2004).

“Jiguê ficou fulo e antes de catar os carrapatos bateu nela muito.” (Andrade, 2004).

“Então Macunaíma sentou numa barranca do rio e batendo com os pés n'água espantou os mosquitos. E eram muitos mosquitos, piuns maruins arurus tatuquiras muriçocas meruanhas mariguís borrachudos varejas, toda essa mosquitada.” (Andrade, 2004).

“A noite vinha bezourenta enfiando as formigas na terra e tirando os mosquitos d'água.” (Andrade, 2004).

“Deu um suspiro catou os carrapatos e dormiu folgado na rede.” (Andrade, 2004).

“(...) os matos reboavam com doçura adormecendo as cobras os carrapatos os mosquitos as formigas e os deuses ruins.” (Andrade, 2004).

“Depois de muitos salamaleques Piaimã tirou os carrapatos da francesa.” (Andrade, 2004).

“Moram os Paulistanos em Palácios alterosos de cinqüenta, cem e mais andares, a que, nas épocas da procreação, invadem umas nuvens de mosquitos pernilongos, de várias espécie, muito ao gosto dos nativos, mordendo os homens e as senhoras com tanta propriedade nos seus distintivos, que não precisam eles e elas das cáusticas urtigas para as massagens da excitação, tal como entre os selvícolas é de uso. Os pernilongos se encarregam dessa faina (...)” (Andrade, 2004).

“(...) a chaminèzona guspiu uma fumaçada de pernilongos, de borrachudos mosquitos-pólvora mutucas marimbondos cabas potós môsca-de-ura, todos esses

mosquitos afugentando os motoristas.” (Andrade, 2004).

“(…) o santo Anchieta vindo ao mundo passou pela casa dela e por piedade ensinou-a a catar piolhos. Suzi possuía uns cabelos ruivos à la garçonne e sustentava muitos piolhos, muitos!” (Andrade, 2004).

“Quando Jiguê partia ela tirava os cabelos e espetando-os no porrete do companheiro, catava piolhos. Mas tinha muitos piolhos, muitos!” (Andrade, 2004).

“Porém não podia nem andar porque estava cheio de carrapatos. Macunaíma com muita pachorra falou pra eles: - Ara, carrapatos! vão embora, pessoal. Não devo nada pra vocês não! Então a carrapatada caiu no chão por encanto e foi-se embora.” (Andrade, 2004).

“O herói deitou de comprido na igarité, fez um cabeceiro da gaiola e adormeceu entre maruins piuns muriçocas.” (Andrade, 2004).

“No outro dia Macunaíma amanheceu com muita tosse e uma febrinha sem parada. Maanape desconfiou e foi fazer um cozimento de broto de abacate, imaginando que o herói estava héptico. Em vez era impudência, e a tosse viera só por causa da

laringite que toda a gente carrega de São Paulo.” (Andrade, 2004).

“Voltou e como era ainda o pino do dia deitou na sombra da ingazeira catou os carrapatos e dormiu.” (Andrade, 2004).

“Passou a doença no mosquito birigüi. Por isso que agora quando esse mosquito morde a gente, entra na pele, atravessa o corpo e sai do outro lado enquanto o furinho de entrada vira na bereva medonha chamada chaga de Bauru.” (Andrade, 2004).

“Macunaíma dava uma grande gargalhada e coçava a cabeça cheia de pixilinga que é piolho-de-galinha.” (Andrade, 2004).

“(…) há tanto piolho que comem os homens vivos e a roupa não se pode lavar, porque a água do mar a destrói... (Paulo Markun, *Cabeza de Vaca*) (Markun, 2009).

“O frio era cortante, e os mosquitos, numerosos.” (Markun, 2009).

“A espera foi ainda mais difícil por causa dos mosquitos, que atacavam sem dó nem piedade os corpos nus e desprotegidos. As picadas deixavam as vítimas tão marcadas de feridas que estas pareciam

sofrer da “doença de são Lázaro”, recorda Cabeza de Vaca (...)” (Markun, 2009).

“A causa da enfermidade, acreditavam (e não deviam estar muito longe da verdade), eram as águas das lagoas, que se tornaram sujas e salobras após as cheias. Provavelmente, eles sofriam de malária.” (Markun, 2009).

“(...) morrera depois de um mês de agonia e febres originadas de uma picada de mosquito.” (Markun, 2009).

“Você viu, compadre João, como a Jandaia tem carrapato? Até no focinho! O João Marreca olhou para o animal que todo se pontilhava de verrugas pretas, encarçando-lhe o úbere, as pernas, o corpo inteiro: - Tem umas ainda pior. Carece é carrapaticida muito...E as reses assim fracas...Vicente lastimou-se: - Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato... Dá vontade é de deixar morrer logo!” (Rachel de Queiroz, *3 Romances*) (Queiroz, s/d).

“E o carrapato? – Ah, o carrapato é que está ruim. Meu pai ainda não viu aquelas reses que pastam lá para a lagoa cercada? Faz pena! Vou até mandar buscar mais carrapaticida em Quixadá.” (Queiroz, s/d).

“Eu vim aqui lhe pedir um favor. Soube que a senhora tinha carrapaticida e queria que me cedesse um bocado; o meu gado anda em tempo de cair.” (Queiroz, s/d).

“Que Maranhão, Chico, Deus me livre! Tu não tens ouvido dizer que morre lá família inteirinha de sezão, que nem se fosse a peste? (...)” (Queiroz, s/d).

“E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré...É uma terra rica, sadia (...)” (Queiroz, s/d).

“As reses secavam como se um parasita interior lhes absorvesse o sangue e lhes devorasse os músculos, (...)” (Queiroz, s/d).

“(...) piolhos me abrindo trilhas nos cabelos (...)” (Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*) (Nassar, 1999).

“(...) catando zelosamente os piolhos que riscaram trilhas no Teu couro; (...)” (Nassar, 1999).

“(...) quanta peste acumulada, (...)” (Nassar, 1999).

“(...) e ácaros nos meus poros, (...)” (Nassar, 1999).

“(…), sei extrair os vermes purulentos que lhe furam o couro, (...)” (Nassar, 1999).

“Os quartos eram enormes, altos, a pintura descascada, nas paredes manchas de percevejos esmagados.” (Zélia Gattai, *A Casa do Rio Vermelho*) (Gattai, 1999).

“Enfrentaram animais, foram picados por mosquitos venenosos.” (Zélia Gattai, *Anarquistas Graças a Deus*) (Gattai, s/d-a).

“(…) arranhados, sujos, inchados pelas picadas dos insectos (...)” (Gattai, s/d-a).

“Tomara que Ilda sente ao lado de mamãe, encoste a cabeça nela e lhe passe piolhos. Muitos piolhos. Daqueles que ela e as irmãs têm aos milhões, graúdos, pretos.” (Gattai, s/d-a).

“D. Vicenza (...) matava lombrigas em geral. Famosa pela eficiência neste trabalho, seu método era infalível: depois de rezar o paciente durante três ou quatro dias, dava-lhe um vermífugo – comprado às escondidas na farmácia e baldeado para frasco sem rótulo. E o resultado era tiro e queda, não falhava nunca.” (Gattai, s/d-a).

“Não quero dormir naquela cama cheia de percevejos (...)” (Gattai, s/d-a).

“À noite, apenas nos deitávamos, começava a «serenata» dos pernilongos: os mosquitos invadiam nossos quartos (...)” (Gattai, s/d-a).

“(…) o proprietário se esquecerá de avisar que a praia linda, maravilhosa, não era saneada, que a malária andava solta por lá.” (Gattai, s/d-a).

“O médico nem se deu ao trabalho de examinar os enfermos, diagnosticou logo: impaludismo, febre intermitente. Receitou quinino, não havia outro tratamento a fazer. (...) Nossas crises manifestavam-se em dias alternados: passávamos um dia péssimo; o outro, tudo bem, apenas um ligeiro cansaço. (...) O quinino nos aliviava um pouco, mas muito pouco.” (Gattai, s/d-a).

“Continuávamos a ter febre e frio em dias alternados. Um médico nos examinou, receitou-nos outras marcas de quinino – não adiantou nada. Um dia, Seu Gustavo, ao notar o desacorçoamento de D. Angelina em relação ao estado de saúde dos filhos (que não havia jeito de melhorar), indicou o medicamento certo, o que iria liquidar de vez o nosso impaludismo sem deixar vestígios. Se não me falha a memória, um remédio italiano chamado «Quinino dello Stato».” (Gattai, s/d-a).

“Meus primeiros meses escolares haviam sido bastante prejudicados pela febre intermitente que me impedia de frequentar regularmente a escola. Muitas vezes teimei, não obedeci a mamãe, fui à aula sentindo arrepios de frio, para voltar mais tarde, pela mão do servente, queimando de febre.” (Gattai, s/d-a).

“(…) tomámos a série de vacinas exigidas – entra as quais a da febre amarela – para tal viagem.” (Zélia Gattai, *Jardim de Inverno*) (Gattai, s/d-b).

“Voltava a falar em *yellow fever* e nós a lhe mostrar no atestado as palavras febre amarela, nas duas línguas, com todas as letras (…)” (Gattai, s/d-b).

“(…) sendo o Brasil considerado pela Organização Mundial de Saúde foco de febre amarela, era exigido às pessoas residentes no Brasil e que de lá partissem para um país do Extremo Oriente, vacinar-se contra a febre amarela e aguardar dez dias após a sua inoculação, a fim de validar a imunização.” (Gattai, s/d-b).

“Durante os meses que ainda viveu, pouco mais de um ano, mamãe conseguiu liquidar os vermes e piolhos da menina, (…).” (Zélia Gattai, *Crônica de uma*

*Namorada e de uma Família Paulista nos Anos Cinquenta*) (Gattai, s/d-c).

“Esqueceu dos piolhos que Laura lhe catou? Da verminose que ela lhe curou? (...) – Olhe aqui Dr. Afrânio, não adianta ficar atirando piolhos e lombrigas na minha cara.” (Gattai, s/d-c).

“(…) ouvindo suas histórias enquanto ele cata pulgas em Bacalhau que, de barriga para cima, deliciado, até parece sorrir. O cãozinho abre-se todo entregue às mãos que o agradam (...) na perseguição às pulgas, sabidas e espertas como elas só, correndo e saltando, buscando salvar a pele: também esperto, vovô as prende e as estala entre as unhas dos mata-piolhos.” (Gattai, s/d-c).

“Levando-me em seguida ao toilette, ela me ofereceu uma barrinha de sabão de coco e aconselhou-me: - Passe-o nos braços e nas pernas e deixe a espuma secar; assim evitará que pernilongos, borrachudos e melgas a devorem. Os daqui são terríveis! (...) Tanto Jorge quanto Arnaldo recusaram-se a utilizá-lo e, não demorou muito, ficaram ambos com os braços e pernas empolados, devorados pelos mosquitos.” (Zélia Gattai, *Um Chapéu para Viagem*) (Gattai, s/d-d).

“Pelo rosto de cera da falecida notei alguns piolhos passeando. (...). Minha



prima então explicou: *Quando a gente morre, a pioeira explode e os piolhos saem...* Eu não fui na conversa, mas, por via das dúvidas, passei a mão na cabeça. Não. Na minha não tinha couro, muito menos piolheira. Nunca esqueci aqueles insectos nojentos passeando no rosto da defunta (...)” (Zélia Gattai, *Città di Roma*) (Gattai, 2000).

“(...) rezadeira de primeira, curando toda e qualquer mazela, liquidando maus olhados, matando lombrigas, exterminando ténias e oxiúros, com grande competência, (...)” (Gattai, 2000).

“Picados por mosquitos venenosos, que à noite invadiam, em nuvens, a casa, apanhamos impaludismo, todo mundo ficou doente. Em dias alternados, o sintoma manifestava-se com grandes tremores de frio para, em seguida, dar lugar a uma febre altíssima. (...) Papai saiu, feito louco, em busca do médico que já nos havia atendido, o que diagnosticara a febre intermitente, e o trouxe. Ele aumentou a dose de quinino, mergulhou-me numa banheira de água fria e recomendou que sempre que a febre aumentasse muito, repetisse o banho.” (Gattai, 2000).

“Acendi a luz, assustada. Que horror! Quase desmaiei. Estávamos – João e eu –

em meio a um mar de percevejos. Percevejos gordos e elementos circulando sobre lençóis e travesseiros, sobre nossos corpos. Agoniada, cheia de nojo, sacudi os lençóis e fui esmagando, feito doida, sob a sola dos sapatos, com o direito e com o esquerdo, para não perder nenhum, os que encontrava pela frente. (...) Durante o dia não havia quem visse um único percevejo. Os miseráveis deviam ficar escondidos, na moita, aguardando a chegada da noite. Só depois fiquei sabendo que aquela praga se estendia Polónia afora, uma das heranças da guerra. Os percevejos haviam proliferado no gueto de Varsóvia e nos campos de concentração.” (Zélia Gattai, *Senhora Dona do Baile*) (Gattai, 1984).

“(...) ela nos perguntou se sabíamos porque as paredes eram de cor marrom-escura e eu não soube responder. (...) – As paredes escureceram com o sangue de milhões de percevejos esmagados por nós – esclareceu a ex-prisioneira.” (Gattai, 1984).

“(...) apontou para um mosquito pousado em meu braço, me recordo bem, pensei que desejasse saber como se diz mosquito em chinês (...)” (Gattai, 1984).

#### **Declaração de conflitos de interesse:**

Os autores declaram expressamente a inexistência de conflitos de interesse.

Este trabalho é original e não foi submetido a publicação noutra revista. O trabalho está finalizado e todos os autores concordam com o seu conteúdo.

### 3. REFERÊNCIAS

- Alencar, J. de (2008). *O Guarani*. São Paulo: Editora Ática.
- Instituto Medicamenta (1935). *Almanaque do Biotônico Fontoura*. São Paulo: Instituto Medicamenta.
- Amado, J. (1980). *Os Subterrâneos da Liberdade. I. Os Ásperos Tempos*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Amado, J. (1981). *Dona Flor e seus Dois Maridos*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Amado, J. (1983). *Os Subterrâneos da Liberdade. II. Agonia da Noite*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Amado, J. (1984). *Os Subterrâneos da Liberdade. III. A Luz no Túnel*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Amado, J. (1990). *Teresa Batista Cansada de Guerra*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Amado, J. (2008). *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Amado, J. (s/d-a). *Tocaia Grande*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Amado, J. (s/d-b). *Navegação de Cabotagem*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Andrade, M. (2004). *Macunaíma*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier.
- Aquino, M. (2005). *Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Assis, M. (2000). *Dom Casmurro*. Linda-a-Velha: Abril-Controljornal-Edipresse.
- Assis, M. (2007). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes.
- Assis, M. (2008). *O Alienista e Alguns Contos*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes.
- Assis, M. (2011). *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Penguin – Companhia das Letras.
- Assis, M. (s/d). *Memorial de Aires*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Barreto, L. (2004). *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- Buarque, C. (2001). *Estorvo*. Lisboa: Dom Quixote.

- Buarque, C. (2009). *Leite Derramado*. Lisboa: Dom Quixotea.
- Daniel, C. (2008). *Escrito em Osso*. Porto: Cosmorama.
- Freyre, G. (1933). *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria Schmidt Editora.
- Gabeira, F. (1981). *Entradas e Bandeiras*. Rio de Janeiro: Editora Codecri.
- Gattai, Z. (1984). *Senhora Dona do Baile*. Rio de Janeiro: Record.
- Gattai, Z. (1999). *A Casa do Rio Vermelho*. Lisboa: Dom Quixote.
- Gattai, Z. (2000). *Città di Roma*. Lisboa: Dom Quixote.
- Gattai, Z. (s/d-a). *Anarquistas Graças a Deus*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Gattai, Z. (s/d-b). *Jardim de Inverno*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Gattai, Z. (s/d-c). *Crónica de uma Namorada e de uma Família Paulista nos Anos Cinquenta*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Gattai, Z. (s/d-d). *Um Chapéu para Viagem*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Gomes, L. (2008) *1808*. São Paulo: Planeta.
- Lispector, C. (s/d). *Onde Estivestes de Noite*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Maffei, L. (2009). *Telefunken*. Porto: Deriva.
- Markun, P. (2009). *Cabeza de Vaca*. Companhia das Letras: São Paulo, 2009.
- Nassar, R. (1999). *Lavoura Arcaica*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Nogueira, B. (1999). *A Borracha do Diabo*. Rio de Janeiro: Inverta.
- Prado, A. (2003). *Solte os Cachorros*. Lisboa: Cotovia: Lisboa.
- Queiroz, R. (s/d). *3 Romances*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- Ramos, G. (1970). *Memórias do Cárcere*. Lisboa: Portugália Editora.
- Rego, J. L. do (1971). *Menino de Engenho*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Rego, J. L. do (s/d). *Fogo Morto*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- Ribeiro, D. (1995). *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ribewiro, D. (2005). *O Poeta não Existe*. Lisboa: Cotovia.

Ribeiro, J. H. (1980). *Pantanal, Amor Baguá*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Soares, J. (1997). *O Xangô de Baker Street*. São Paulo: Companhia das Letras.

Soares, J. (1998). *O Homem que Matou Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Távora, F. (1981). *O Cabeleira*. São Paulo: Editora Ática.

Torero, J. R. & Pimenta, M. A. (2000). *Terra Papagalli*. São Paulo: Objetiva.

Vasconcelos, J. M. (1962). *Rosinha, Minha Canoa*. São Paulo: Melhoramentos.

Vasconcelos, J. M. (1969a). *Arara Vermelha*. São Paulo: Melhoramentos.

Vasconcelos, J. M. (1969b). *Arara de Fogo*. São Paulo: Melhoramentos.

Vasconcelos, J. M. (1979). *O Garanhão das Praias*. São Paulo: Melhoramentos.

Veríssimo, E. (s/d-a). *Clarissa*. Lisboa: Editorial Verbo.

Veríssimo, E. (s/d-b). *Um Certo Capitão Rodrigo*. Lisboa: Editores Associados Lda.

Veríssimo, E. (s/d-c). *O Resto é Silêncio*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.